

**FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA UNIVERSITÁRIA**

KELLY ROSÁRIO DOS SANTOS

OBJETIVO DA EDUCAÇÃO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Anápolis-GO

2016

KELLY ROSÁRIO DOS SANTOS

OBJETIVO DA EDUCAÇÃO E PROCESSO DE AVALIAÇÃO: UMA VISÃO
FORMATIVA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito final para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária sob a orientação da Prof.^a Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

Anápolis-GO

2016

FOLHA DE APROVAÇÃO

KELLY ROSARIO DOS SANTOS

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO: UMA VISÃO FORMATIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Especialista em Docência Universitária sob a orientação da Prof.^a Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel.

Data da Aprovação: 30/ 04 /2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel
ORIENTADOR

Prof.^a Ma. Allyne Chaveiro Farinha
CONVIDADO

Prof.^oMe. Diogo Jansen
CONVIDADO

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE AVALIAÇÃO: UMA VISÃO FORMATIVA

Kelly Rosário dos Santos*

Profa. Esp. Aracelly Rodrigues Loures Rangel**

RESUMO: Este trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica e descritiva, com proposta de fundamentar a visão de educação como um processo de clarear a inteligência e buscar a verdade e obter resposta para o homem, a perspectiva cristã. Servir de uma avaliação formativa em nível de conhecimento, observar que uma verdadeira avaliação deveria ultrapassar o ambiente universitário e avaliar o homem, isto é, em todos os momentos que o envolvem. É através do aperfeiçoamento que o homem, gradativamente, toma posse da verdade. Responder a pergunta o que é a verdade, passa pela resposta a outra pergunta: Quem é o homem? Uma vez assumida a perspectiva de que o homem é imagem e semelhança de criador e de que o homem é um ser psíquico e corpóreo, a educação deve cooperar com a natureza e a fineza para aperfeiçoar o homem e garantir o progresso sustentável da civilização. Assim, contemplando uma espécie de educação, faz-se necessário um processo avaliativo e didático. Avaliativo enquanto busca formas de averiguar o aprendizado por parte do aluno e didático enquanto leva o professor a questionar seus modelos de transmissão de conhecimentos. A grande missão da educação é a criação de uma sociedade produtiva, mas também solidária. É formar o cidadão, a pessoas com valores e virtudes que garanta sua liberdade direcionando-o ao bem comum.

Palavras-chave: Educação. Homem. Virtude. Criador. Aperfeiçoamento do homem.

ABSTRACT

*Formada em Curso Superior de Tecnologia em Radiologia Área Profissional : Ambiente e Saúde) no Centro Universitário UniEvangélica de Anápolis.

** Profa. Esp. em Assessoria Linguística e Revisão Textual. Orientadora no curso de Especialização da Faculdade Católica de Anápolis

THE PURPOSE OF EDUCATION AND THE ASSESSMENT PROCESS: A VISION TRAINING

This work was done through literature descriptive research with a proposal to support the vision of education as a process of clear intelligence, seek the truth and get answer to the man, the universal perspective. It also aims to serve as a formative evaluation at the level of knowledge, to observe that a genuine assessment should exceed the university environment and evaluate the man, that is, at all times surrounding it. It is by improving the man gradually takes possession of the truth. Answer the question: "What is the truth?", go through the answer to another question: "Who is man?". Once taken the view that man is the image and likeness of creator and that man is a psychic and corporeal, education must cooperate with nature and finesse to perfect man and ensure the sustainable progress of civilization. Thus, contemplating a kind of education, it is necessary an evaluation and educational process. Evaluative while seeking ways to assess learning by the student and teaching while taking the teacher to question their models of transmission of knowledge. The great task of education is to create a productive society, but also solidarity. It is to form the citizen, people with values and virtues which ensure freedom directing it to the common good.

Key words: Education. Man. Virtue. Creator. Man improvement.

1 INTRODUÇÃO

A educação contempla de forma específica três dimensões da existência humana: antropológica, gnosiológica e ética. A dimensão antropológica é vislumbrada no processo educativo enquanto questiona o homem no sentido da existência; a visão gnosiológica enquanto se questiona sobre a verdade e a validade do conhecimento; e a dimensão ética enquanto busca direcionar o homem dentro da visão de bem e de mal(OLIVEIRA,2012).

Sendo o homem um ser natural e metafísico, durante o processo educativo um dos seus objetivos centrais é cooperar com a natureza e o aperfeiçoamento intelectual e moral do homem. Sendo o homem um ser que busca conhecer, a educação não pode esquivar-se do seu objetivo de gerar conhecimentos novos dentro de um método adequado que não agrida as presentes e futuras gerações.

Contudo, para educar o homem, isto é claro na visão de escolarização, faz-se necessário um processo avaliativo e didático. Como avaliar o conhecimento que fora transmitido? E quais meios utilizar para transmiti-los? Algumas vezes a não absorção dos conhecimentos transmitidos ao aluno podem ser ocasionados por falta de um método, uma didática adequada. Simultaneamente, com a crescente tecnologia corre-se o risco de utilizar as tecnologias como fim e não como meio. O professor deve ter em mente uma resposta às perguntas quem é o homem e como educá-lo. Em conformidade com estas respostas buscar a melhor maneira de transmitir os conhecimentos.

Sendo assim, este trabalho, embasado em pesquisa bibliográfica e utilizando-se do método descritivo, fundamentou a visão de educação como um processo de clarear a inteligência e buscar a verdade e tendo como resposta para o homem a perspectiva universal. Embora se sirva de uma avaliação formativa em nível de conhecimento, observa que uma verdadeira avaliação deveria ultrapassar o ambiente universitário e avaliar o homem como um todo, isto é, em todos os momentos que envolvem sua vida. Observar que é necessário proceder de formas avaliativas coerentes no ambiente universitário.

Ressalta-se a divisão deste artigo em três capítulos. O primeiro trata da Educação e do homem com breve reflexão ao aperfeiçoamento intelectual e

volitivo. O segundo capítulo retrata o objetivo da educação e o terceiro refere-se ao processo avaliativo e didático, podendo ser possível ao professor questionar seus modelos de transmissão de conhecimentos.

2 A EDUCAÇÃO E O HOMEM

Consta na Constituição Federal de 1988, no art. 6º, que um dos direitos sociais do homem é a educação. A educação é um direito de todos os cidadãos brasileiros, sendo uma das obrigações do Estado oferecer uma educação de qualidade e Laico. Os chamados direitos sociais têm como uma de suas obrigações a de melhorar as condições de vida daqueles que precisam de uma maior participação do Estado, com o intuito de equilibrar as desigualdades sociais (SILVEIRA, 2014).

Além de dever do Estado, a educação é dever da família. A educação oferecida pelo Estado centra-se na escolarização da pessoa, na transmissão de conhecimentos necessários para a vida em sociedade. A base familiar oferece uma educação fundamentada naqueles princípios típicos do seio familiar. É neste sentido que se afirma que a criança tem sua educação em casa. O fim da educação é lapidar o homem, ou como afirmou Aristóteles, filósofo grego, no livro Política (1999, p. 17):“a educação e a arte termina o que a natureza apenas começou”.

Assim, surge a necessidade de se pensar o processo educativo, pois um dos objetivos da educação é formar o homem. Que homem formar? Dessa pergunta surgem outras interrogações: Quem é o homem? Quais os fins da educação? Como educar? Quem deve educar? Segundo Barcellos (2009, p. 18);

Vamos encontrar resposta a tais perguntas na base de opções familiares por esta ou aquela escola, nos critérios que norteiam políticas públicas em educação, nos marcos teóricos de projetos educativos, planos de desenvolvimento institucional, nas concepções curriculares, nos paradigmas de formação de professores, técnicas de avaliação etc.

As correntes teóricas estudadas nos centros acadêmicos, conscientes ou inconscientemente, responderam a estas perguntas. Ao pensar a educação é

necessário refletir quem é o homem é extrair dessa reflexão um sentido para sua existência: é o homem um ser que se esgota na morte ou existe uma vida sobrenatural e eterna? Perceba que falar de educação é extremamente complexo.

Neste trabalho vislumbra-se a percepção judaico-universal que posiciona o homem enquanto imagem e semelhança de criador. Conforme Barcellos (2009), acredita-se que esta é uma resposta aceitável dentro da visão Ocidental de homem que contempla a filosofia grega, com a visão de corpo e alma; o cristianismo, com a visão de transcendência e o Direito romano com a visão de direito natural. Sendo esta a percepção de homem o fim da educação é conduzi-lo ao seu fim último: visão beatificada de criador.

Contudo, tecer comentário sobre o fim último do homem não é o principal objetivo deste trabalho que busca descrever o objetivo da educação. Quando se utiliza o termo educação está referindo-se à escolarização, isto é a transmissão de conhecimentos e valores para conduzir o homem ao bem viver. Por isso é necessário buscar uma definição de educação que satisfaça os anseios das buscas iniciadas neste artigo.

Segundo Prado (1986), educação no sentido etimológico é tirar de dentro. Esse autor trabalha a educação como um processo de clarear a inteligência para perceber a verdade. Contudo, segundo ele, duas coisas são preocupantes na educação contemporânea: há “um pouco caso” pelo aprendizado agravado com a tomada do método como fim em si mesmo: o professor passa horas passando filmes, jogos, recreações etc. sem uma finalidade. É o método pelo método; segundo, é a ideia de conscientização típica das escolas marxistas. Fala-se de visão crítica, mas o que se percebe é a domesticação do aluno em fórmulas tidas como críticas.

Esse ponto de vista de Prado, citado acima, é preocupante. De fato, dentro das escolas brasileiras percebe-se que o “inteligente” é aquele que repete o que está nos livros. O processo educativo não pode unicamente “conscientizar” o aluno, deve ajudá-lo a pensar. O amadurecimento educacional humano passa pela “procura da verdade e clarificação da inteligência” (PRADO, 1986).

A resposta à pergunta o que é a verdade, passa pela resposta à pergunta quem é o homem. É fato que não existe um homem descontextualizado. O homem está inserido dentro de um contexto histórico, social e cultural que o cerca e, de certa forma, induz seu modo de pensar e agir. Não determina, induz. “O

homem não é fruto do meio e nem está totalmente pronto” (BARCELLOS, 2009, p.21).

Dentro da visão fenomenológica, o homem possui um corpo (*Homo somaticus*), inteligência *Homo sapiens*, vida (*Homo vivens*), vontade, liberdade, amor (*Homo volens*), linguagem (*Homo Loques*), uma dimensão política e social (*Homo socialis*), uma dimensão cultural (*Homo culturalis*), é um ser que trabalha (*Homo faber*) e se diverte (*Homo ludens*) e além dessas dimensões fenomenológicas, o homem possui uma dimensão metafísica onde contempla sua alma e transcendência. Transcendência não no sentido kantiano de universalização, mas no sentido pleno e universal de possibilidade da visão beatífica de criador. Fenomenologicamente o homem se satisfaz com a ciência, mas metafisicamente se satisfaz com a busca por algo maior. (BARCELLOS, 2009).

Sendo assim, compreende-se que o objetivo central da educação é cooperar com a natureza, a fim de lapidar a pessoa como disse Aristóteles, e com a fineza em termo universal para aperfeiçoar o homem e garantir o progresso sustentável da civilização técnica e ciência. A autoridade que se impõe no diálogo educacional, portanto, não é o professor nem o aluno, mas sim a verdade (BARCELLOS, 2009). Por isso, afirma Prado (1986, p.27) que “é iluminado pela verdade, aos poucos conquistada, que o ser humano vai se equipando com a faculdade de discernir, avaliar e escolher, de ponderar e decidir. Por esse caminho, a educação tem pôr fim a conquista da liberdade interior.”

3 OBJETIVO CENTRAL DA EDUCAÇÃO

Falar de objetivos é propor metas. No tópico acima, concluiu-se que o objetivo central da educação é cooperar com a natureza, a fim de lapidar a pessoa como disse Aristóteles, e com a fineza em termo universal para aperfeiçoar o homem e garantir o progresso sustentável da civilização técnica e ciência. Nos três tópicos seguintes, será especificada essa definição do objetivo da educação.

3.1 GARANTIR O PROGRESSO SUSTENTÁVEL DA CIVILIZAÇÃO

Augusto Comte, filósofo positivista, defendeu a sua chamada lei dos três estados. O primeiro estado seria o teológico, onde o homem explicaria fenômenos naturais de forma sobrenatural; o segundo metafísico onde o homem explica a natureza servindo-se de princípios gerais; e o terceiro seria o científico ou positivo, onde o homem renuncia a busca dos primeiros princípios, da origem das coisas depositando sua inteligência em descobrir as leis efetivas, nas ciências empíricas (CONTE, 1973). Para isto seria necessário substituir o sistema de ensino e pautá-lo numa educação fundamentada nas necessidades da civilização moderna. Era necessário que a educação se reduzisse a uma educação fundamentada na ciência.

A visão de Conte é extrema. Não garantiu e não garante uma busca sustentável da ciência. Se ele tivesse vivido em outro século assistiria duas guerras mundiais, onde os homens se utilizaram de recursos novos, como aviões, carros, tanques, metralhadoras etc. É claro que ninguém ignora a importância para a cultura contemporânea da ciência e da técnica. Contudo, como observou Selvaggi(1988, p. 8-9),

Torna-se sem dúvida necessário hoje em dia combater o perigo de reduzir exclusivamente aos elementos científicos e técnicos a base e a medida da civilização e da cultura; os elementos humanísticos em geral- literários, artísticos, históricos e sobretudo morais e religiosos – conservam e devem conservar toda a sua importância; tornam-se até, num certo sentido, ainda mais importantes e indispensáveis para combater a unilateralidade de uma formação puramente técnica e científica. Os valores humanos, os valores do espírito, da imaginação e da vida afetiva correm, com efeito, gravíssimo perigo de ficarem sufocados pela progressiva invasão do espírito científico e técnico, que sem o corretivo de uma espiritualidade superior podem levar a uma concepção puramente materialista e utilitária da vida e do homem, a uma diminuição, nivelamento e anulação da personalidade e originalidade do homem.

A visão Comtiana reduz todo o conhecimento aos conhecimentos fundamentados nos métodos científicos. Reavaliar os modelos educacionais numa “espiritualidade superior”, como propõem Selvaggi (1988), é buscar dar valor a atividades típicas do ser do homem. A ciência e a técnica conservam e devem conservar seu valor, porém os elementos “humanísticos em geral” devem ser conservados. Diante as novas questões que se levantaram na contemporaneidade, como a ambiental, não há espaços para uma educação que enfatize o progresso pelo progresso.

É necessário um processo educacional que conduza o homem a viver buscando a verdade de forma sustentável. O que é usufruído hoje deve ser conservado para que outras gerações usufruam também. O homem não pode destruir o mundo deixando rastros para futuras gerações. A educação deve ajudar o homem a pensar as consequências de sua ação sobre a Terra e, caso continue, a destruição provocada no presente pode ocasionar erros graves e, por vezes, irreparáveis para gerações futuras. Dependendo dos erros pode até comprometer a continuidade da vida no planeta.

4PROCESSO AVALIATIVO E DIDÁTICO

A escolarização propõe finalidades, e uma delas é a aprendizagem de conteúdos pelo alunado, portanto requer uma avaliação com o intuito de observar a possível aprendizagem do aluno. O ato de avaliar é um processo inerente à vida humana, e assim como a vida humana está sujeito à mutabilidade no decorrer da história. Isto faz do método avaliativo um juízo permanente presente em todos os momentos da vida humana. Avalia-se o programa da televisão, as relações interpessoais e demais contatos da existência humana. A avaliação é feita segundo a ideia de “verdade” e “certo” que o ser humano carrega em determinado contexto histórico (KENSKI, 2011).

Conforme no texto de Luckesi (1996) identifica-se a definição do termo “avaliar” que, segundo o autor tem sua origem no latim, *a-valere*, e significa “dar valor a...”. Porém, para conceituar o termo avaliação existe uma exigência em formular e configurar alguns aspectos e determinações. Por essa forma, o mesmo autor apresenta o conceito de avaliação como a conduta de “atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato ou curso de ação”, cuja execução implica em coletar

e analisar os dados e a partir do valor ou qualidade atribuídos ao objeto, produzir um posicionamento favorável ou não à ele, possibilitando ao avaliador refletir e decidir qual a conduta a ser tomada em relação ao objeto avaliado (LUCKESI, 1996, p. 92).

No processo ensino-aprendizagem, a avaliação é um processo utilizado para detectar se os objetivos postos de início foram atingidos. É um método que visa buscar a melhoria do ensino-aprendizado para, dependendo dos resultados das avaliações, ocasionar mudança nos objetivos e na didática utilizada no contexto educativo. Em diferentes visões é possível analisar que a forma de avaliar requer planejar, refletir e atingir metas tendo como objetivo a assimilação que a ação avaliativa articula se com o processo educativo, social e político. Através da leitura de Libâneo (1994), a avaliação é vista:

Uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela, os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos, a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias. A avaliação é uma reflexão sobre o nível de qualidade do trabalho escolar tanto do professor como dos alunos. Os dados coletados no decurso do processo de ensino, quantitativos ou qualitativos, são interpretados em relação a um padrão de desempenho e expressos em juízos de valor (muito bom, bom, satisfatório, etc.) acerca do aproveitamento escolar. A avaliação é uma tarefa complexa que não se resume a realização de provas e atribuição de notas. A mensuração apenas proporciona dados que devem ser submetidos a uma apreciação qualitativa. A avaliação, assim, cumpre funções pedagógico-didáticas, de diagnóstico e de controle em relação as quais se recorrem a instrumentos de verificação do rendimento escolar. (LIBÂNEO, 1994, p. 195)

A avaliação é uma atividade inerente ao fazer o docente devendo ser exercitada de forma constante de maneira que possa acompanhar continuamente o ensino e a aprendizagem. É possível realizá-la e identificar em que medida os objetivos propostos para o nível de educação foram almeçados, quais foram os progressos, as dificuldades, de tal maneira que possa, quando necessário, proceder as devidas correções. A avaliação reflete, portanto a qualidade do trabalho que acontece na educação formal, tanto a do professor quanto a do aluno (LIBANEO, 1997).

Conforme Perrenoud a avaliação deve fazer parte de todo o processo educativo e capacitar, significa compreende-la como elemento de fundamental importância no desenvolvimento da aprendizagem do educando. Mesmo que se diferenciem as intenções e as palavras, por um lado na observação, no feedback, na regulação e, por outro, na medida imparcial dos conhecimentos e das competências adquiridas, não se impedirá essas duas lógicas de coexistirem, praticamente, na escola e na aula, as vezes em harmonia, com mais frequência se opondo mutuamente (PERRENOUD, 1999, p. 23).

Admite Luckesi, que a avaliação, apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesma como sujeito existencial e como cidadão (LUCKESI, 1997, p.174).

Conforme Moretto, nesse contexto, o aluno acaba memorizando o conteúdo a ser avaliado, deixando de desenvolver a aprendizagem que é fundamental em seu processo de formação.

Avaliar a aprendizagem tem um sentido amplo. A avaliação é feita de formas diversas, com instrumentos variados, sendo o mais comum deles, em nossa cultura, a prova escrita. Por esse motivo, em lugar de apregoarmos os malefícios da prova e levantarmos a bandeira de uma avaliação sem provas, procuramos seguir o princípio: se tivermos que elaborar provas que sejam bem feitas, atingindo seu real objetivo, que é verificar se houve aprendizagem significativa de conteúdos relevantes. (grifo do autor) (MORETTO, 2005, p.95-96).

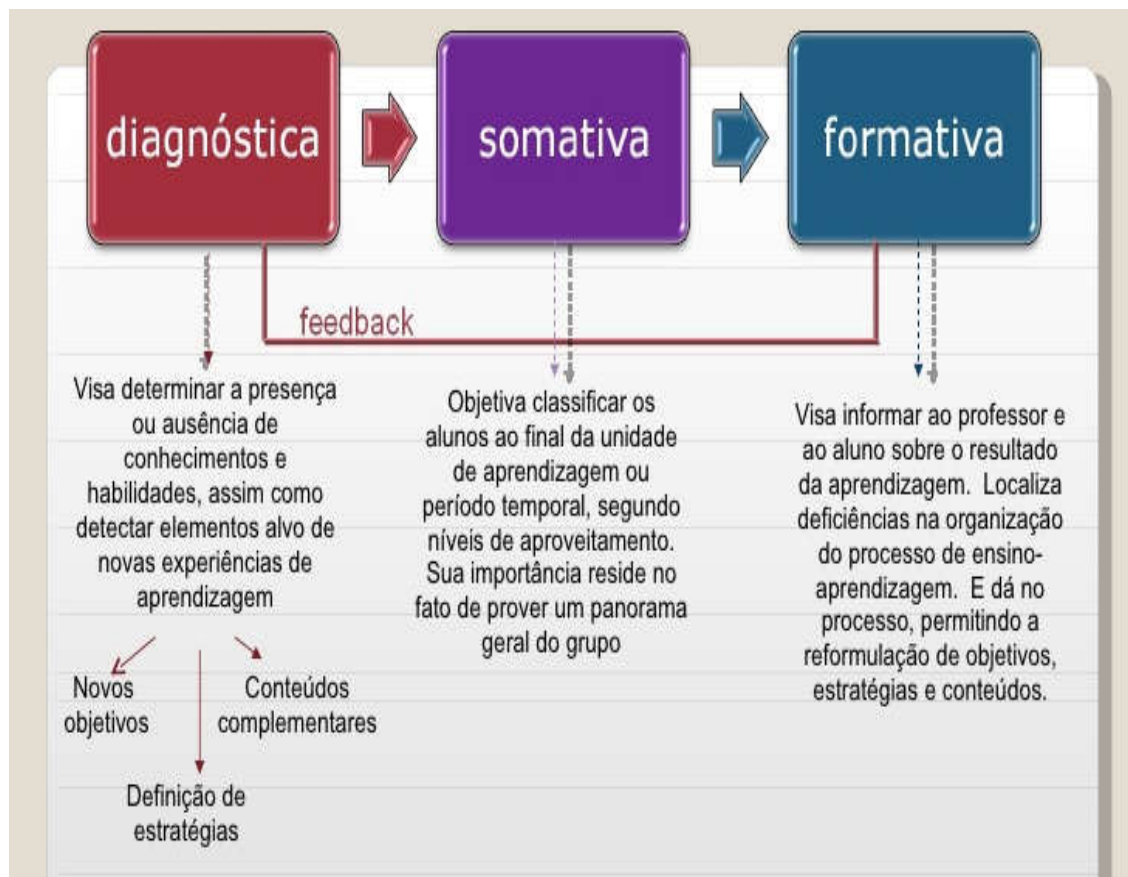
É necessário um comprometimento por parte do professor e dentro desse contexto Luckesi(1997) considera:

A avaliação da aprendizagem nesse contexto é um ato amoroso, na medida em que incluem o educando no seu curso de aprendizagem, cada vez com qualidade mais satisfatória, assim como na medida em que o inclui entre os bem-sucedidos, devido ao fato de que esse sucesso foi construído ao longo do processo de ensino

aprendizagem (o sucesso não vem de graça). A construção, para efetivamente ser construção, necessita incluir, seja do ponto de vista individual, integrando a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, seja do ponto de vista coletivo, integrando o educando num grupo de iguais, o todo da sociedade (LUCKESI. 1997, p.175).

Segundo Sant' Anna(1995), existe especificamente três modelos de avaliação conforme a Figura 1.

Figura 1- Modelos de avaliação



Fonte: Sales, 2008.

A avaliação diagnóstica “visa determinar a presença ou ausência de conhecimentos e habilidades, inclusive buscando detectar pré-requisitos para novas experiências de aprendizagem.” Esta avaliação permite a busca de novos

métodos, caso os estipulados não tenham sido alcançados, e visa o levantamento de questões em busca de uma devolutiva eficaz do aluno. É uma avaliação feita no primeiro contato para levantar um diagnóstico da turma (Sant'Anna, 1995).

Em relação função diagnóstica, a mesma se torna esvaziada se não estiver referida a função pedagógica conforme afirmação de Libâneo (1994):

Essas funções atuam de forma interdependente, não podendo ser consideradas isoladamente. A função pedagógica – didática está referida aos próprios objetivos do processo de ensino e diretamente vinculada às funções de diagnóstico e de controle. A 1 função diagnóstica se torna esvaziada se não estiver referida à função pedagógica – didática e se não for suprida de dados e alimentada pelo acompanhamento do processo de ensino que ocorre na função de controle. (LIBÂNEO, 1994, p. 197).

Wachowicz e Romanowski(2003), destacam que:

A avaliação somativa manifesta-se nas propostas de abordagem tradicional, em que a condução do ensino está centrada no professor, baseia-se na verificação do desempenho dos alunos perante os objetivos de ensino estabelecidos no planejamento. Para examinar os resultados obtidos, são utilizados teste e provas, verificando quais objetivos foram atingidos considerando-se o padrão de aprendizagem desejável e, principalmente, fazendo o registro quantitativo do percentual deles. (WACHOWICZ; RAMANOWSKI, 2003, p. 124,125).

Conforme Kenski(2011)

[...] a avaliação formativa não procura meramente sancionar os erros, mas compreender suas ocorrências e causas, possibilitando ações pedagógicas consistentes, visando auxiliar a aprendizagem. A avaliação formativa busca informar o professor e aluno dos resultados da aprendizagem.

Assim o professor detecta lacunas nos conteúdos com a possibilidade de formular novos conteúdos e buscar novos métodos para alcançar os objetivos propostos. É chamada formativa no sentido que indica como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos. A avaliação formativa aparece como um instrumento importante no meio do ensino e aprendizagem, conforme Boniol e Vial(apud Wachowicz e Romanowski(2003) afirmam neste contexto que:

A avaliação formativa consiste na prática da avaliação continua realizada durante o processo de ensino e aprendizagem, com a finalidade de melhorar as aprendizagens em curso, por meio de um processo de regulação permanente. Professores e alunos estão empenhados em verificar o que se sabe, como se aprende o que não se sabe para indicar os passos a seguir, o que favorece o desenvolvimento pelo aluno da pratica de aprender a aprender. A avaliação formativa é um procedimento de regulação permanente da aprendizagem realizado por aquele que aprende. (BONIOL; VIAL APUD WACHOWICZ; ROMANOWSKI, 2003, p. 126).

Com finalidade de proporcionar informações e encaminhar o professor a ajustar com as características dos alunos é possível perceber o propósito importante da avaliação formativa, Gil (2006) diz:

A avaliação formativa tem a finalidade de proporcionar informações acerca do desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, para que o professor possa ajustá-lo às características dos estudantes a que se dirige. Suas funções são as de orientar, apoiar, reforçar e corrigir. Uma avaliação pontual, que geralmente ocorre no final do curso, de uma disciplina, ou de uma unidade de ensino, visando determinar o alcance dos objetivos previamente estabelecidos. Visa elaborar um balanço somatório de uma ou várias sequências de um trabalho de formação e pode ser realizada num processo cumulativo, quando esse balanço final leva em consideração vários balanços parciais. (GIL, 2006, p. 248).

A avaliação somática busca classificar os alunos segundo os conhecimentos acumulados com fundamentos nos objetivos traçados. Uma prova geral no final do semestre para buscar enxergar os conteúdos obtidos pelos alunos no decorrer do ano, semestre o bimestre (SALES, 2008).

Se a vida humana é mutável, assim como os critérios para promover o que é certo ou errado em determinada avaliação, compreende-se que o contexto de sala de aula também seja mutável e que o aluno deva ser avaliado em todos os momentos do contexto escolar, pois o processo de avaliação em sala de aula não pode ser unilateral. Neste sentido a avaliação formativa é indicada.

Segundo Perrenoud (1999, p.104), a palavra avaliação deve ser substituída por observação. A primeira palavra está associada “às medidas, às classificações, aos boletins escolares [...] observar é construir uma representação

realista das aprendizagens [...] sem preocupação de classificar, certificar, selecionar.” Observar é diferente de avaliar no sentido de que para detectar um erro de leitura é necessário observar algo bem diferente de um simples dado quantitativo.

A aprendizagem do aluno não é algo exclusivo deste, depende de inúmeros fatores ligados entre si. “Qualquer avaliação que contribua para otimizar [...] um ou vários entre esses fatores pode ser considerada formativa” (PERRENOUD, 1999, p. 105). Muitas vezes pode ocorrer do “fracasso” do aluno não está ligado diretamente a ele, mas aos métodos utilizados pelo professor.

São inúmeras causas e questões que podem levar ao baixo desempenho e conseqüentemente ao fracasso, como por exemplo, pressões dentro e fora da escola que podem prejudicar com sérias conseqüências na vida do aluno, porém Perrenoud (1999) diz o seguinte:

O êxito e o fracasso escolares resultam do julgamento diferencial que a organização escolar faz dos alunos, da base de hierarquias de excelência estabelecidas em momentos do curso que ela escolhe e conforme procedimentos de avaliação que lhe pertencem. Não se trata, pois, nem de desigualdades de competências medidas por meio de pesquisas, nem de decisões de progressão ou de orientação enquanto tais. Êxito e fracasso escolares não são conceitos científicos. São noções utilizadas pelos agentes, alunos, pais, profissionais da escola. Ora, eles nem sempre estão de acordo entre si: a noção de êxito é extremamente polissêmica; em inúmeras situações concretas, a noção do êxito ou do verdadeiro êxito é uma problemática muito importante e os agentes em questão confrontam-se sobre o sentido e a realidade do êxito ou do fracasso. (PERRENOUD, 1999, p. 36).

O método utilizado pelo professor é fundamental nessa relação de aprendizado. Às vezes um aluno não consegue atingir o conhecimento esperado com a utilização do quadro e do giz, mas conseguirá com a utilização de um filme ou outra ferramenta disponível na escola. A avaliação tradicional, cumulativa, não abrange de forma esperada o alunado. Para a visão de Pimenta (2000);

O homem com aptidões naturais, nascidas com ele, o homem só pode desenvolver-se por meio de uma disciplina rígida que possibilite o afloramento de suas aptidões com o decorrer do crescimento físico. Nesse sentido é preciso apenas colocá-los no caminho correto para que se completem, o que significa para essa pedagogia o processo de libertação. (PIMENTA, 2000, p. 70).

Sendo assim, cada professor deve repensar sua forma avaliativa. “Não basta ser adepto da ideia de uma observação formativa. Um professor deve ainda ter os meios e construir seus próprios sistemas de observação, de interpretação e de intervenção” (PERRENOUD, 1999, p. 122). De fato, é através da observação em sala, da necessidade de perceber como os alunos estão se modificando em direção aos objetivos que:

A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professor e aluno, ambos caminhando na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos. Quer seja feita através de testes ou provas ou por ambos, deve realizar-se numa atmosfera que permita o crescimento do aluno, e não a criação de bloqueios. A própria limitação será melhor constatada quando a estrutura e organização da aprendizagem for feita num ambiente completamente livre de ameaça. (SANT’ANNA 1995, p. 34).

A avaliação bem sucedida é aquela que acompanha inúmeras formas de ensinar. Daí a importância da didática. Segundo o Dicionário ilustrado da língua portuguesa (1972; p.314) didática “é a arte de ensinar.” A arte de transmitir conhecimentos exige um método adequado.

Segundo Abbagnano(2007, p.668)método está relacionado a “um procedimento de investigação organizado, repetível e auto corrigível que garanta a obtenção de resultados válidos.” Os recursos didáticos fazem parte do método utilizado, como por exemplo: quadro, giz, computador, retro projetor, filmes, livros etc. Devem ser vistos como objetos para ajudar o aluno a pensar a realidade, e não como a própria realidade.

Com abordagens decorrentes é necessário que se possa propor uma análise com novas expectativas em relação à avaliação, podendo discutir um conceito de valor e percorrendo por diversas visões filosóficas resultando em um conceito:

c[...]considera o valor como possibilidade de escolha, isto é, como uma disciplina inteligente das escolhas, que pode conduzir a eliminar algumas delas ou a declará-lá irracionais ou nocivas, e pode conduzir (e conduz) a privilegiar outras, ditando a sua repetição sempre que determinadas condições se verifiquem. Em outros termos, uma teoria do Valor, como crítica dos Valores, tende a determinar as autênticas possibilidades de escolha, ou seja, as

escolhas que, podendo aparecer como possíveis sempre nas mesmas circunstâncias, constituem pretensão do Valor à universalidade e à permanência. (ABBAGNANO, 2007, p. 993).

Contudo, acredita-se que uma verdadeira avaliação deveria ultrapassar as portas da escola ou Universidade e vislumbrar o cidadão, a pessoa que está sob o aluno que busca conhecimentos. Mesmo porque o fim da educação não é unilateralmente conhecimentos, mas a pessoa como um todo. Longe de um processo de conscientizar, enquanto ser espiritual que é, a educação deve libertar. A verdadeira liberdade é um caminho para a verdade.

5 CONCLUSÃO

Embora neste artigo tenha ficado clara a visão de homem que fora contemplada. A verdadeira educação deve dar ao homem a liberdade de pensar e escolher, ponderar e julgar. O conhecimento científico é indispensável para se alcançar a verdade, mas não é a única forma de conhecimento. Reduzir a educação aos moldes científicos é tirar do ser do homem a capacidade de desenvolver valores fundamentais para uma sociedade produtiva, mas também solidária.

Quando foi aludida a ideia de escolarização, foi feito com o intuito de demonstrar o valor do conhecimento em suas múltiplas formas. A escola é o lugar da liberdade. A liberdade é plena quando se direciona ao bem. Por sua vez o bem é possível quando o homem está equipado das virtudes indispensáveis para bem escolher. Essas virtudes são aprendidas ao longo do processo da vida, fora e dentro da sala de aula. Contudo, reduzindo ao ambiente escolar as virtudes intelectuais e morais elevam ao homem a condição de um “ser divino”, preparado para fazer parte transformadora de qualquer dimensão da vida social.

Uma vez que se pratica a confiança de que o homem é a imagem e semelhança do criador, uma das missões da educação é cooperar com a fineza do criador. O compromisso com a verdade clareia o intelecto e direciona a ação do aluno ao bem maior. Uma vez em busca da verdade e de posse dessa certeza, o homem se vê predisposto à aceitar e a confiar no dom gratuito, em sua própria dimensão transcendente e na própria transcendência.

Como qualquer outro processo de escolarização, na educação escolar, faz-se necessário um processo de avaliação. A avaliação deve proporcionar o aprimoramento da pessoa e não sua degeneração. Deve conduzir o homem a buscar sempre cada vez mais formas de se aperfeiçoar e não desanimá-lo dentro de notas e chavões. É necessário que a educação tenha fé no homem e torne-se mais humana e menos reduzida leituras com o intuito de decorar. Nas leituras deve ser absorvido o essencial, mas deve ser dada ao aluno a capacidade de utilizar da leitura para o crescimento pessoal, através da avaliação pessoal, individual, do conteúdo ministrado. É necessário observar para melhorar. A intervenção do professor deve acontecer para redirecionar a leitura a sua finalidade.

Por fim, dentro da sociedade contemporânea as tecnologias assumiram papel indispensável no processo de ensino-aprendizagem, mas, é bom enfatizar o papel instrumental das tecnologias, sendo que por si não falam nada ao aluno. Um filme, slide, uma cena ou uma música que seja são instrumentos utilizados como meios para chegar a um fim.

A verdadeira educação propõe o fim último do homem é a felicidade. Formar o homem é ajudá-lo a pensar sobre o homem, sobre o mundo e sobre o criador, dentro de fundamentos sólidos de cooperação entre a natureza humana e a transcendência da alma humana.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Política**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

ABBAGNANO, Nicola. "Dicionário de Filosofia. Tradução e revisão de Ivone Castilho Benedetti", 2007.

BARCELLOS, Marcos Cotrim de. **Filosofia para educadores: ensaios sobre a liberdade**. Goiânia: Kelps, 2009.

CONTE, Augusto. Curso de filosofia positiva: col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultura, 1973.

GIL, Antônio Carlos. Didática do ensino superior. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo. Atlas, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Repensando a Didática**. São Paulo: Papirus, 2011.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MORETTO, Vasco Pedro. "Prova um momento privilegiado de estudos e não um acerto de contas". DP&A Editora, RJ, 2005.

OLIVEIRA, Paulo Eduardo de. **Filosofia e Educação: Aproximações e convergências**. Círculo de estudos bandeirantes. Curitiba, 2012.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência a regulação das aprendizagens. Entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PRADO, Dom Lourenço de Almeida. **Ajudar a pensar sim, conscientizar não**. São Paulo: Paulus, 1986.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e docentes**. São Paulo, SP Editora Cortez, 2000.

ROMANOWSKI, Joana Paulim; WACHOWICZ, Lílian Anna. **Processos de ensinagem na universidade: Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. SC: UNIVILLE, 2003.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **A origem das desigualdades entre os homens**. São Paulo: Escala, 2007.

SALES, Marcia Castilho de. **Avaliação**: Metodologias para a prática Docente Tutoria em EAD. Ceilândia, DF, 2008.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

SELVAGGI, Filippo. **Filosofia do mundo**: cosmologia filosófica. São Paulo: Loyola, 1988.

SILVEIRA, Marcos Delson da. **Brincando de Filosofar**: sucintas reflexões. Goiânia: Kelps, 2014

YUNES, Jorge M. **Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa**-5ªed.São Paulo: IBEP,1972